













# Encontro Nacional de Educação, Ciência e Tecnologia/UEPB

indicando que as heliconias tiveram comportamentos semelhantes dentro de cada nível salino, bem como os níveis salinos não diferiram dentro de cada genótipo de heliconia. Conforme Kress et al. (1999), as heliconias H<sub>1</sub>, H<sub>3</sub>, H<sub>5</sub> e H<sub>6</sub> pertencem ao porte pequeno (altura inferior a 1,5 m) e H<sub>2</sub> e H<sub>4</sub> ao porte médio (altura entre 1,51 a 2,5 m), altura estas obtidas quando cultivadas em campo. Analisando espécies de heliconias, observa-se que, entre as de pequeno porte, a que obteve um crescimento melhor foi a heliconia H<sub>2</sub> (Rostrata) com 45,67 cm, já a de portes médios foi a H<sub>4</sub> (Latispatha) com 51 cm. A heliconia H<sub>6</sub> (Nickeriensis) apresentou altura significativamente inferior com 36,83 cm entre todas heliconias estudadas. Possivelmente, a altura da planta foi afetada pelo tamanho do vaso e volume do solo.

Para número de perfilhos (NP) o fator nível salino não foi significativo, diferentemente de Barros (2008) que encontrou efeito significativo entre as mesmas espécies de heliconias, que quanto maior o nível salino menor é o número de perfilhos. Percebe-se na Figura 1C que em H<sub>1</sub> (Golden Torch) e H<sub>6</sub> (Nickeriensis) obteve melhor desenvolvimento significativamente superior a H<sub>3</sub> (Sassy) e H<sub>4</sub> (Latispatha) enquanto as demais espécies H<sub>2</sub> (Rostrata) e H<sub>5</sub> (Red Opol) não apresentaram diferenças significativas.

## 4 CONCLUSÃO

Considerando que os resultados obtidos não apresentaram uma tendência definida quanto aos tratamentos de salinidade, conclui-se que fatores não considerados no estudo afetaram o desempenho das heliconias.

Nas variáveis de crescimento (altura de planta e número de folhas) a espécie de heliconia de porte médio H<sub>4</sub> (Latispatha) foi superior estatisticamente da espécie H<sub>2</sub> e as heliconias de porte pequeno H<sub>1</sub> (Golden Torch) e H<sub>6</sub> (Nickeriensis) que apresentaram valores menores, no entanto, para as demais cultivares, H<sub>3</sub> (Sassy) e H<sub>5</sub> (Red Opol) não houve diferença significativa entre elas.



# Encontro Nacional de Educação, Ciência e Tecnologia/UEPB

## REFERÊNCIAS

AYERS, R. S.; WESTCOT, D. W. **A qualidade da água na agricultura**. Campina Grande: UFPB. Tradução de GHEYI, H. R.; MEDEIROS, J. F. de DAMASCENO, F. A. V. 1999. 153p (Estudos da FAO: Irrigação e Drenagem, 29 revisado 1)

BARROS, H. M. M.; Crescimento de helicônias sob estresse salino. Campina Grande, 2008. 80 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) CTRN/ UFCG – PB.

BERRY, F.; KRESS, W. J. **Heliconia: an identification guide**. British Library, 1991.334p.

CASTRO, C. E. F.; GRAZIANO, T. T. Espécies do gênero *Heliconia* (Heliconiaceae) no Brasil. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.3, p.15-28, 1997.

CRILEY, R. A.; BROCHAT, T. K. *Heliconia*: botany and horticulture of new floral crop. **Horticulture Review**, v.14, p.1-55, 1992.

KRESS, W. J.; BETANCUR, J.; ECHEVERRY, B. **Helicônias : llamaradas de la selva colombiana**. Colômbia: Cristina Uribe Editores; 1999, sp.

LARAQUE, A. Estudo e previsão da qualidade química da água dos açudes do Nordeste. Recife – PE: SUDENE, 1989. 97p. (SUDENE. Hidrologia, 26).

MAAS, E. V. Crop salt tolerance. In: TANJI, K. K. (ed). **Agricultural salinity assessment and management**. New York: ASCE, 1990. cap. 13, p.262-304.

MAAS, E. V. Crop salt tolerance. In: TANJI, K. K. (ed). **Agricultural salinity assessment and management**. New York: ASCE, 1990. cap. 13, p.262-304.

SANTOS, J. G. R. dos ; GHEYI, H. R. Crescimento da bananeira nanica sob diferentes qualidades de água de irrigação. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, DF, v. 28, n. 3, p. 347-352, 1993.

TESTER, M.; DAVANPORT, R. Na tolerance and Na transport in higher plants. **Annals of Botany**, v. 91, n.3, p. 503-527, 2003.